

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012

RUA DA PALHA E SUAS MARISQUEIRAS QUILOMBOLAS: O FEMININO, RITUAL, CULTURA E A EDUCAÇÃO

Dinamara Garcia Feldensⁱ

Ana Cristina do Nascimentoⁱⁱ

Aldenise Cordeiro Santosⁱⁱⁱ

EIXO 2: educação, sociedade e práticas educativas.

Resumo: O presente artigo trata de uma pesquisa qualitativa de caráter etnográfico e que acontece no Território da Comunidade Remanescente de Quilombo Luziense, chamada Rua da Palha, localizada no município de Santa Luzia do Itanhy, sul do estado de Sergipe. A pesquisa tem como foco o estudo do cotidiano dessas mulheres e suas práticas educativas pelo viés da oralidade, as quais são repassadas de geração para geração. Utiliza como referencial teórico Geertz, Feldens, D'Owyer, Munanga e Clastres. A pesquisa está em andamento. Trabalha com entrevistas semi estruturadas, focando nos conceitos de gênero, identidade, cultura e etnicidade.

Palavras chave: Marisqueiras, gênero, práticas educativas, cultura e ritualística.

Abstract: This article is a qualitative study of ethnographic territory of the Community Luziense remnant of Quilombo Community, Street of Straw, located in Santa Luzia do Itanhy, the southern state of Sergipe. The research is being carried out through interviews and review of literature on gender, identity, culture and ethnicity. The research is being conducted from reading the daily lives of these women and their educational practices through the bias of orality, which are passed on to daughters, their ritualistic work with seafood / aratu. Using as a theoretical Geertz, Feldens, D'Owyer, and Munanga Clastres.

Keywords: Seafood, gender, educational practices, culture and ritual.

Introdução

O Brasil é constituído por uma vasta diversidade de culturas, identidades, e formas de vida. Dar visibilidade e buscar preservar às variadas possibilidades de existência é valorizar este patrimônio de diversidade e promover o convívio democrático e respeitoso entre as distintas identidades e culturas. É nesse sentido que o projeto em questão volta-se às cantadoras de aratus, mulheres quilombolas, que exercitam uma configuração de feminino específica, singular, pois mistura ritos e canções tradicionais associados à produção da subsistência, que permanece desconhecida por muitos brasileiros.

Desde dezembro de 2011, iniciaram-se os primeiros contatos com a comunidade para viabilizar um projeto sobre gênero acerca das Marisqueiras na Comunidade da Rua da Palha.

Esta Comunidade localiza-se ao sul do Estado de Sergipe, no município de Santa Luzia do Itanhy, em uma comunidade quilombola, mulheres que vivem no mangue praticam a pesca do aratu, dando seguimento a um trabalho tradicionalmente feminino. As marisqueiras se reúnem para pescar os aratus, com lama até o Joelho cantam canções tradicionais e acreditam atrair os aratus, pescam com uma vara, colocam-nos em latas e posteriormente retornam para suas casas com as latas nas cabeças. Essa atividade é transmitida de mãe para filha, e a principal forma de sustento de muitas famílias.

Mães marisqueiras, 'chefes de famílias' que transformam o seu trabalho em prática educativa oral, repassando todo o conhecimento do ser marisqueira para suas filhas. Mulheres que cantam e encantam com músicas e assobios para atrair o crustáceo, porque simplesmente suas mães lhes ensinaram.

O propósito desta pesquisa é registrar tal ritual, trazendo o feminino e suas expressões para o campo da cultura. Pretende-se ainda a preservação deste patrimônio no espaço dos manguezais de Santa Luzia do Itanhy, seus procedimentos elaborados e realizados pelas marisqueiras, bem como a sabedoria e os cantos da pescaria ali praticada. Neste sentido, a pesquisa dará suporte para a preservação ambiental dos mangues e da cultura feminina das marisqueiras.

A metodologia que está sendo aplicada na pesquisa tem caráter qualitativo e etnográfico. Estuda os conceitos de cultura, feminino, quilombola, e ritualística. Trabalha no campo empírico com observações, gravações, filmagens e entrevistas no mangue localizado em Santa Luzia do Itanhy. E busca desenvolver o conhecimento acerca da cultura das cantadoras de aratu, dos quilombolas no interior do estado e do feminino em seus aspectos antropológicos. Pretende, ainda, desenvolver outros projetos que trabalhem com o feminino, a cultura e o patrimônio material e imaterial, bem como possibilitar aos alunos de mestrado e de graduação a inserção nesta pesquisa.

Quilombos no Brasil

Para O'Dwyer (1995 p. 1) Quilombo tem novos significados na literatura especializada, também para grupos, indivíduos e organizações. Ainda que tenha conteúdo histórico, vem sendo ressemantizado para designar a situação presente dos segmentos negros em regiões e contextos do Brasil. Quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de população estritamente homogênea. Nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados. Sobretudo consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na consolidação de território próprio. A identidade desses grupos não se define por tamanho nem número de membros, mas por experiência vivida e versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade como grupo. Constituem grupos étnicos conceituados pela antropologia como tipo

organizacional que confere pertencimento por normas e meios de afiliação ou exclusão”.

A historiografia foi ampliando a concepção de resistência, o que antes era somente lutas ou casos extremos (quilombos, rebeliões e insurreições), atualmente inserimos a compra de sua própria alforria, a formação de irmandades, clubes negros e formação de família experiências de resistências, seria o caso dos Quilombos remanescentes.

O Território Quilombola Luziense, a 80 km de Aracaju, Capital do Estado de Sergipe, no município de Santa Luzia do Itanhy, com seis (6) comunidades: Botiquim, Cajazeiras, Crasto, Pedra Furada, Pedra D'Água, Bode, Rua da Palha e Taboa. A pesquisa etnográfica sobre as marisqueiras está sendo trabalhada na comunidade da Rua da Palha, tendo sido cadastradas 400 famílias.

A Comunidade Remanescente da Rua da Palha. Certificada desde 2008 está localizada no Município de Santa Luzia do Itanhy, sul do Estado de Sergipe, que desde a tomada de posse pelos portugueses no território hoje denominado de Sergipe, tem sua história contada em cartas dos jesuítas (Inácio Tolosa e João Salônio) e a catequização dos indígenas, que posteriormente tem outra história contada com as compras de escravos na Vila de Estância para o Engenho Castelo e Usina.

Açúcar, côco e madeira produtos que uniram a comunidade da Rua da Palha com suas marisqueiras, mulheres que perpetuam memória, história e o trabalho a partir da resistência, repassando pela oralidade seus aprendizados do mangue nas proximidades do rio Piauí, como os moradores daquela localidade denominam - 'nos braços do rio Piauí'.

Para Munanga (2008), é importante promover o resgate da memória coletiva e a história da comunidade negra/povo negro não interessa apenas as pessoas de ascendência negra. Interessa também as pessoas de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. A memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura a qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social da identidade nacional.

As Marisqueiras e a ritualística

Desde os primórdios, as ações do homem sobre face da terra, traziam subjacentes a idéia da divisão das atividades materiais e de sobrevivência por sexo. A mulher, associada ao mito de fertilidade, especialmente nas civilizações pré-coloniais e antigas se ocupou da semeadura e da coleta dos frutos da terra. Assim como ela produzia a vida em seu ventre, também era responsável por “gerar” os frutos que alimentariam seus descendentes.

Pierre Clastres (2007) em seu livro, *A sociedade contra o Estado*, aponta, para esta divisão sexual das tarefas como sendo produtora da organização social nos diferentes grupos.

Esta forma de organização perpassou por séculos o imaginário de nossa sociedade e, por vezes, em algumas atividades de produção adquirem caráter cultural e ritualístico.

Na comunidade quilombola conhecida como Fortaleza do Aratu, a 80 km de Aracaju, mais especificamente no município de Santa Luzia do Itanhhy, as mulheres negras cantam uma música ritualística tradicional para atraírem os pequenos crustáceos que serão catados, lavados e cozidos por elas. Com lama até o joelho e sujeitas aos mosquitos e parasitas, acredita-se que é necessário ser mulher e cantadora para poder catar o aratu.

Estas catadoras de aratu, que vivem no interior de Sergipe, e que cantam para atrair os caranguejos, podem ser pensadas como mulheres que vivem numa comunidade com tarefas sexualmente divididas e que produzem uma determinada ritualística na produção de seu sustento. É sobre elas que este projeto se debruça.

Segundo o dicionário eletrônico *Michaelis*, a definição de *ritual* é: 1. *Pertencente ou relativo aos ritos;* 2. *Que contém os ritos;* 3. *Livro que contém os ritos, ou a forma das cerimônias de uma religião;* 4. *Cerimonial;* 5. *Conjunto das regras a observar; etiqueta, praxe, protocolo.* Definição esta que demonstra que ritual não se diz de um processo restrito às religiões ou formas de expressões religiosas.

Os rituais envolvem sujeitos, tempos e espaços, conforme determinados objetivos, procedimentos, técnicas, utensílios. Cantos, danças, festas, vestimentas, comidas, podem compor e expandir o conceito de ritual. É nesse sentido que as expressões ritualísticas das marisqueiras se configuram rituais de pesca, e não estão atreladas a uma religião ou misticismo, mas sim a um conhecimento da natureza e seus signos. Rituais que produzem a identidade local, repassando e educando suas crianças (meninas) com conhecimento do pescado e o quebrar de Aratu.

Dentro deste conceito de ritual é acertado alegar que a vida em sociedade está permeada por diversos rituais que a circunscreve. Toda a sociedade brasileira, assim como o Estado do Sergipe, é constituída por uma enorme multiplicidade de culturas e diferentes formas constitutivas de subjetividades. Sua característica é o diverso, o plural, o diferente. As produções da vida material em Fortaleza de Aratu, nas suas diversas nuances, incluem um conjunto de hábitos, tradições e ritos femininos que inspiram esta pesquisa. Com isso, o projeto aqui proposto direciona as pesquisas nas mulheres catadoras que ritualizam a coleta do aratu e determinam a sobrevivência da comunidade quilombola da Fortaleza.

A presente investigação suscita algumas questões, entre elas: como conhecer nossa cultura através dos saberes e dos rituais que nela habitam? Quais os conhecimentos e ritualísticas que estão associados ao feminino? Como se produz a sobrevivência do capital material e imaterial em uma pequena comunidade quilombola?

Para tanto, este projeto de pesquisa propõe fazer um estudo a cerca de questões conceituais e empíricas, buscando, na trama destes dois campos distintos, a produção de entendimentos e saberes sobre o feminino, a ritualização, a preservação da vida e da cultura.

Têm como foco principal a produção de conceitos e imagens acerca das ações das marisqueiras quilombolas que se valem das canções e do ritmo das marés para compor a ação na vida e em sua sobrevivência.

Metodologia empregada

Esta pesquisa tem caráter qualitativo. Segundo Minayo (1999), a abordagem qualitativa não pode pretender o alcance da verdade, com o que é certo ou errado; deve ter como preocupação primeira a compreensão da lógica que permeia a prática em que se dá a realidade. Pretende trabalhar com a etnografia como método de pesquisa. O método etnográfico pressupõe a imersão no campo de pesquisa, em seus sentidos e signos, por isso trata-se de um método em que seus pesquisadores habitam os lugares onde a pesquisa acontece no sentido de perceber suas significâncias e significados, compreender os ícones, índices e elementos que compõem este espaço. As relações interpessoais, as palavras, os corpos, o código ético, as moralidades, as crenças, os valores. Todos estes elementos tornam-se conceituais para poder compor o campo de pesquisa e devem ser considerados para se buscar um entendimento do mesmo. Para tanto, a etnografia se vale de algumas técnicas e instrumentos de pesquisa como o diário de campo, entrevistas, observações, visitas.

Para organizarmos as atividades da pesquisa, propomos um cronograma de 24 meses com leituras de referenciais teóricos para construir os conceitos de cultura, feminino, ritos, ida a campo para entrevistas e conseqüentemente suas transcrições, estudo dos dados, discutir as questões que dizem respeito ao patrimônio material e imaterial. Essas atividades estão sendo seguidas, respeitando, evidentemente, os imprevistos que podem ocorrer ao longo do processo.

Segundo Geertz(1989) ,

Praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os procedimentos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”. (1989, p. 15)

Nosso campo de pesquisa é o quilombola de Fortaleza do Aratu e nossas informantes são as mulheres marisqueiras, mas não apenas elas. Ao longo da investigação surgiram outros informantes os quais se tornaram importantes para a compreensão do objeto e que deverão ser considerados. Foram feitas visitas de observação, logo que a pesquisa iniciou para compreendermos as especificidades do local, os diferentes signos e representações, imagens e narrativas que permeiam

o lugar e as marisqueiras. Para estas observações e visitas são utilizados o diário de campo que é um espaço onde o pesquisador registra suas observações, informações que julgar importantes, acontecimentos, eventos ligados ao objeto pesquisado.

A primeira ida a campo teve em média a duração de dois meses, com uma periodicidade de três vezes por semana. Neste momento foram criados os laços entre pesquisadores e pesquisados, laços éticos fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa; que se conhecem os principais elementos que nortearão a investigação e de onde se podem retirar os elementos para a segunda ida a campo, onde as perguntas (semi-estruturadas) já poderão acontecer.

Nas entrevistas semi-estruturadas o pesquisador organiza algumas perguntas e objetivos que nortearam as conversas, falas e entrevistas. Eles não são questionários fechados, por isso é preciso permitir que o informante fale. Trata-se de uma sensibilidade investigativa que o entrevistador precisa adquirir ao mesmo tempo em que respeita a fala e os silêncios dos informantes, tem que ir organizando as questões para que elas não fujam demasiadamente do objeto que almejamos compreender.

A intenção é colher elementos, imagens, falas que possibilitem perceber a ritualística das catadoras de Aratu, seus signos e sentidos, a forma que percebem e pensam o mundo. Neste sentido, é necessário direcionar a fala do informante/marisqueira, sem condicioná-la a respostas pré - definidas.

A fala é um meio e um meio fluído, percorível, “andável”. A fala não esta dada, ela não esta morta, não esta perenizada na gravação. Ela fica criando-se a si mesma, ecoando seus sons, por vezes inaudíveis e por vezes absolutamente significados. As falas estão em estado bruto. Elas se intercomunicam com quem as escutam, com os conceitos... Quanto mais conexões o pesquisador puder estabelecer mais as falas falam... Elas têm potência. (FELDENS, 2008, p.33)

Com base nos dados recolhidos, os pesquisadores estabeleceram uma cartografia dos sentidos e signos da cultura que envolve a ritualística das catadoras de Aratu. A produção de uma cartografia, ou seja, o traçado de linhas, de mapas, dos movimentos e construções culturais do feminino, do rito, permite que se

estabeleçam alguns entendimentos e compreensões de suas relações com o mundo e a vida em suas referências de existência e de seus campos de experimentações.

Este está sendo o tratamento que está sendo trabalhado com os dados coletados, a saber, a construção de movimentos conceituais cartográficos como forma de gerar novos saberes na tessitura entre campo teórico e material empírico.

Tendo a cartografia como forma de tratamento dos dados empíricos, buscamos na etnografia os elementos para fortalecer os entendimentos em relação à cultura. Ou seja, os dados são buscados, coletados, colhidos, percebidos através do método etnográfico e o tratamento destes dados, sua leitura e terá a cartografia como tecitura.

Numa cartografia o que se faz é acompanhar as linhas que se traçam, marcar os pontos de ruptura e de enrijecimento, analisar os cruzamentos dessas linhas diversas que funcionam ao mesmo tempo. (...) As cartografias são multiplicidades que não formam um todo e se algum todo é formado é o das partes ao lado. (BARROS, 1993, p.104)

Todo aspecto da existência humana é culturalmente construído. Nesta concepção, o significado das relações e dos conceitos que se dão ao longo da história são sempre relativos e temporários. É preciso considerar estas características no processo de compreensão e entendimento dos resultados de pesquisa. Pensar é experimentar e criar.

Principais contribuições científicas ou tecnológicas da pesquisa

A Fortaleza do Aratu, no município de Santa Luzia do Itanhy, é a região com a maior taxa de pobreza e de analfabetismo do estado de Sergipe. Trata-se de um pequeno povoado quilombola, cuja comunidade vive do que as águas do mangue fornecem águas que sempre foram fartas em distintas espécies de crustáceos, sobretudo de um caranguejo específico, de pequenas proporções e de carne apetitosa, o aratu, um crustáceo da família dos Grapsidae.

A economia da Fortaleza do Aratu baseia-se, portanto, na pesca do aratu, e necessita de apoios de distintas naturezas. Desde o fortalecimento da pesca deste crustáceo, às documentações e divulgações dos conhecimentos intrínsecos ao povoado. É, também, fundamental ampliar e solidificar na comunidade a consciência do manejo sustentável dos recursos naturais, garantindo a preservação e a qualidade da extração que favorece a aquisição de um valor mais justo e uma remuneração apropriada às marisqueiras.

A pesquisa aqui apresentada, busca evidenciar as riquezas culturais e étnicas locais; obter a proteção intelectual desses saberes por meio de registros em publicações, vídeo-documentário e órgãos como o IPHAN; dar suporte para a expansão do feminino e suas atuações simultaneamente ritualísticas e profissionais; e fornecer informações e ensinamentos acerca da preservação do mangue e da mariscagem sustentável. Sem desconsiderar, no processo de pesquisa, o trabalho das marisqueiras que por realizarem uma pesca artesanal têm suas vidas entremeadas por saberes que envolvem a interpretação e a experimentação dos signos da Lua e das águas, dos aratus e dos mangues. Em suma, as marisqueiras da Fortaleza do Aratu vivenciam e propagam uma cultura ancestral e a execução deste projeto documentará, fomentará, e divulgará a cultura por elas expressada. E, por fim, promoverá a discussão dos conceitos de feminino, de rito e de culturas. Conseqüentemente, fará circular o conhecimento ganho com a pesquisa e a possibilitará a criação de novos saberes culturais a cerca de nosso patrimônio material e imaterial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, R. B. de. *Dispositivos em ação: o grupo*. In: PELBART, P. & ROLNIK, S. (orgs.). **Cadernos de Subjetividade. Núcleo de Estudos e Pesquisas da**

Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUCSP. São Paulo, v.1, n.º.1, 1993.

CLASTRES. Pierre. **A sociedade contra o Estado.** São Paulo, Cosac naify, 2007.

Dicionário Eletrônico Michaelis. Disponível em: <<http://traducaoff7.forums-free.com/dicionario-eletronico-michaelis-t135.html>>. Acesso em: 15 out. 2010.

FELDENS, Dinamara G. **Cartografias da ditadura e suas moralidades: os seres que aprendemos a ser.** Maceió. EDUFAL, 2008.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa.** 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MUNANGA, Kabengele.(org.) **Superando o racismo na escola.** 2ª edição. Brasília Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008. 200p.

O'DWYER, Eliane Cantarino (org.) **Terra de Quilombos.** Rio de Janeiro, Boletim da Associação Brasileira de Antropologia. 1995.

ⁱ Doutora em Educação pela UNISINOS. Professora Titular do Programa de Pós - Graduação em Educação da Universidade Tiradentes - UNIT. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividades (GPECS/CNPq/UNIT). Contatos:dfeldens@hotmail.com

ⁱⁱ Mestranda em Educação pela Universidade Tiradentes – UNIT. É membro do Grupo de Pesquisas Educação, Cultura e Subjetividades (GPECS/CNPq/UNIT). Email: ananascimento2103@yahoo.com.br.

ⁱⁱⁱ Aluna bolsista (PROCAPS/UNIT) do Mestrando em Educação pela Universidade Tiradentes – UNIT. É membro do Grupo de Pesquisas Educação, Cultura e Subjetividades (GPECS/CNPq/UNIT). Email:aldeniseecs@yahoo.com.br.